

PHILLIP ROTHWELL
Universidade de Oxford

Leituras de Mia Couto

Aspetos de um pós-modernismo moçambicano

Tradução e Introdução: Margarida Calafate Ribeiro
Revisão: Hélia Santos



LENDO MIA COUTO COM PHILLIP ROTHWELL

Margarida Calafate Ribeiro

A abrir

Mia Couto é hoje mundialmente reconhecido como um dos grandes escritores de língua portuguesa. É o que podemos definir como um autor consagrado pelas instâncias de legitimação, apreciado por leitores em todo o mundo, ora em língua portuguesa, ora em tradução para variadas línguas, criticamente lido por um vasto número de académicos ligados a diferentes tradições críticas e premiado em Moçambique, mas sobretudo no estrangeiro, destacando-se o prémio União Latina (2007), prémio Eduardo Lourenço (2011), prémio Camões (2013) e o mais recente Neustadt International Prize of Literature (2014).

A sua obra traça, de diversas formas e em várias expressões literárias, os mapas múltiplos de Moçambique: mapas geográficos, étnicos, religiosos, históricos, linguísticos. E é a partir deste lugar que o autor coloca questões universais: questões ligadas à identidade de um povo, ou melhor, de múltiplos povos integrados numa nação-a-ser. Este pronunciamento – que a obra de Mia Couto regista – continua, mas sobretudo amplia, a intrínseca relação entre política e literatura que enformou o espaço literário africano, ora ainda no tempo da colónia, através do projeto político e cultural que foi a literatura colonial, ora através da literatura que a desafiou, inscrevendo na sua essência a diferença cultural que, a prazo, iria demandar a independência e que está na origem do que normalmente designamos por literatura da luta anti-colonial. Sem dúvida que a expressão mais visível das narrativas opostas à que era oferecida pelos colonizadores foi a da grande narrativa gerada pela luta anti-colonial, centrada na denúncia do colonialismo, com os seus temas próprios, e na elaboração sonhadora de um projeto de futuro e de liberdade para os povos ainda subjugados pela ordem colonial.

Essa vontade de libertação do território vai fortalecer a ideia de unidade e conduzir a um discurso hegemónico feito na base de uma unidade nacional forjada pela necessidade do sucesso da luta contra o colonialismo e, mais tarde,

contra os seus restos e outras formas de opressão. A literatura vai ter aqui – como em muitos outros processos – um papel crucial de construção e de sedimentação de uma identidade cultural e política com vista à criação de um estado-nação moderno, contribuindo, apoiando e mesmo elaborando um discurso de esperança de onde emergia a ideia de um Moçambique para os moçambicanos. Em circunstâncias diferentes, com motivações diversas, mas com resultados semelhantes, no período pós-independência, o apelo à igualdade, levado ao extremo pela política do partido único e das revoluções de pendor socialista, constituía-se como a única voz da nação, o que provocou, de forma dramática, o apagamento das diferenças que formavam as texturas sociais e culturais de Moçambique, gerando contradições, sinónimo muitas vezes de continuidades de mecanismos imperiais que impunham a sua ação, ainda que não fosse tão óbvio, no enebriamento do momento revolucionário tão cultivado pela literatura de combate.

Mas, como perguntam alguns escritores moçambicanos e alguns críticos das literaturas africanas de língua portuguesa, e da obra de Mia Couto em particular, como situar a ideia de nação, veiculada pela luta anticolonial, em relação às outras grandes narrativas, como a etnicidade, a raça, as religiões, o género? Em que lugar é que elas se situam frente à “nova” hegemonia discursiva ligada a um projeto nacional? Estas questões foram fundamentais para recentrar o olhar dos críticos sobre estas literaturas. Os cursos realizados no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que estiveram na origem de quatro volumes de ensaios críticos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa – *Lendo Angola, Moçambique – das palavras escritas*, *Literaturas da Guiné-Bissau – cantando os escritos da história*, *Literaturas Insulares – leituras e escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe* –, procuraram responder às questões levantadas a partir de diversos olhares epistemológicos e de várias geografias. Assim, ao mesmo tempo que a literatura e outras artes iam alimentando o projeto nacional, outros percursos e outras perspetivas lançavam também alternativas ao projeto político e cultural nacional aparentemente hegemónico e procuravam outras narrativas de “identificação” de um país. Em resumo, são estas as propostas que vão emendando ou colocando sob suspeita a hegemonia do projeto nacional, questionando o seu valor enquanto representativo da nação ou das nações que se pronunciam como Moçambique. Daí que alguns artistas e escritores tenham procurado nas suas obras dar sentido à violência e à destruição que se vivia nos seus países sacudidos pela imensidão das múltiplas guerras. Só assim é possível compreender o ódio e a repulsa expressos

em *Babalaze das Hienas* de José Craveirinha, o sentimento poético trágico de Rui Knopfli, o primeiro romance de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, tão problemáticamente recebido no início em Moçambique e, numa outra dimensão, *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa ou *As Duas Sombras do Rio*, de João Paulo Borges Coelho. Mas era o livro de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, que, sem dúvida, inaugurava o aparecimento de uma geração mais jovem que construía novas propostas literárias nos trilhos da literatura consagrada como moçambicana. Refiro-me, para além dos já citados, a Luís Carlos Patraquim, Lília Momplé, Eduardo White, Paulina Chiziane, Nelson Saúte, Suleiman Cassamo ou Guita Júnior, entre vários outros, que vão desafiando, em diferentes perspetivas, tons e intensidades, a macronarrativa saída da independência, conferindo-lhe uma plurivocalidade que questiona as rígidas fronteiras dos territórios geográficos, étnicos, linguísticos ou de género, a que muitos pareciam querer confinar a imaginação literária da nação. No fundo, encenavam novas perspetivas da nação, mas também novas formas de densificar a questão: o que é a literatura moçambicana? Quem são os seus escritores? Para que serve a literatura moçambicana? O que é que pode a literatura? Questões só aparentemente simples, pois elas tocam no âmago, na essência, de facto, das grandes questões políticas e culturais da África moderna. Como diz Patrick Chabal, “dar-lhes resposta é analiticamente complexo e também – o que é crucial – politicamente consequente.” (1994: 15) Para mim, esta frase resume a ligação crítica que uniu Phillip Rothwell à obra de Mia Couto, um escritor politicamente consequente em todas as suas intervenções, sendo Phillip Rothwell o ensaísta que, na sua leitura de Mia Couto, mostra como literatura e política mantêm uma relação de mútuo questionamento.

O ensaísta britânico não precisou de recorrer às excelentes traduções para a língua inglesa de Mia Couto realizadas por David Brookshaw. Phillip Rothwell é um dos professores de Estudos Portugueses mais inovadores da sua geração, tendo recentemente recebido a nomeação para a Cátedra D. João II, na Universidade de Oxford. A sua reflexão continuada sobre a literatura portuguesa – com obras tão importantes como *A Canon of Empty Fathers: Paternity in Portuguese Narrative* – e sobre as literaturas africanas de língua portuguesa – *Sexual/Textual Empires: Gender and Marginality in Lusophone African Literature* (com Hilary Owen) e os mais instigantes artigos sobre a obra de Pepetela – ocupa hoje um lugar de destaque nas mais prestigiadas publicações internacionais e é merecedora da nossa reflexão.

Em 2001, Phillip Rothwell era um recente doutor da Universidade de Cambridge com uma das teses mais originais alguma vez escritas sobre um autor moçambicano. Passados poucos anos, em 2004, surge *A Postmodern Nationalist: Truth, Orality and Gender in the Work of Mia Couto*, que constituía uma absoluta novidade na leitura de Mia Couto e das literaturas africanas em geral, normalmente ainda lidas de forma descritiva, sem grande aparato teórico e até interpretativo. O furor crítico gerado em torno da sua leitura, a sua abundante referência em artigos e teses consagraram-no como um dos grandes ensaios sobre a escrita de Mia Couto não só no mundo de língua inglesa, mas também no mundo de língua portuguesa. Na época, foi de facto um livro surpreendente pelas leituras que avançava e sobretudo pelo modo como o fazia. Hoje, é uma obra fundamental pela leitura que faz de um dos mais celebrados autores de língua portuguesa.

O livro que hoje Phillip Rothwell oferece aos leitores de língua portuguesa vai muito além da mera tradução do seu livro *A Postmodern Nationalist: Truth, Orality and Gender in the Work of Mia Couto* para português. Na verdade, a reflexão crítica sobre a obra de Mia Couto continuou a ser um dos elementos de referência da investigação levada a cabo por este professor de literatura ao longo dos seus anos na Universidade de Rutgers. Hoje Professor Catedrático da Universidade de Oxford, Phillip Rothwell oferece-nos o que eu poderia chamar um novo livro, um livro que contém em tradução a versão inglesa de *A Postmodern Nationalist: Truth, Orality and Gender in the Work of Mia Couto* e uma nova parte composta por esta extensa reflexão que referi e que representa para os dois, escritor e crítico literário, um trabalho crucial de amadurecimento de temas e leituras, requinte de escrita e compromisso social, cultural e político. Livros tão fundamentais na obra de Mia Couto hoje, como os romances *Jesusalém* e *A Confissão da Leoa*, e o conjunto de ensaios políticos, reunidos em livro sob o título de *Pensatempos*, deram origem a novas leituras e novos tópicos de abordagem de Mia Couto, que Phillip Rothwell promove inspirado por diversas teorias feministas, políticas e psicanalíticas que iluminam o texto do autor e complexificam a leitura da sociedade moçambicana, da condição humana e, em particular, da condição das mulheres.

Lendo Mia Couto, com Phillip Rothwell

Na sua leitura da obra de Mia Couto, Phillip Rothwell aposta na ruptura, ou seja, naquilo que ela ensaia ao colocar sob suspeita as tradicionais fronteiras entre homem e mulher, entre verdade, mentira ou falsidade, entre tradição e

modernidade, entre escrito e falado ou dito e, a partir daí, procura caminhar para a “identificação” de um país de múltiplas culturas. Assim visto, e dado o contexto global favorável a uma leitura pós-moderna das obras literárias, por um lado, e, por outro lado, o contexto local de Moçambique pós-independência e o empenhamento do escritor na construção da nação, a leitura de Mia Couto como um nacionalista pós-moderno apresentada por Phillip Rothwell revela-se eminentemente política no sentido mais nobre da palavra.

Mostrando a forma como Mia Couto usa na sua escrita as técnicas do pós-modernismo, Phillip Rothwell mostra simultaneamente como um escritor moçambicano, apoiando-se nos tropos literários designados como tipicamente europeus, os consome, os transforma e os regurgita de forma a produzir o que poderia ser africano hoje, ou “autenticamente” africano para os europeus, e que é certamente uma “identificação” do país em diferença.

Na leitura de Phillip Rothwell, Mia Couto é um dos primeiros autores moçambicanos que mostram pelo seu trabalho que, na África de língua oficial portuguesa, os nacionalismos culturais, tradicionalmente trituradores de toda a diferença pela necessidade de homogeneização, têm de encontrar um acordo negociável com toda a diversidade que os constitui e que inclui o legado colonial, assumindo-o como parte da sua identidade, lembrando assim a linha e a metáfora da antropofagia do modernismo brasileiro. No contexto especificamente africano, e moçambicano em particular, esta metáfora mediadora é também adotada em diferença em relação ao seu referente brasileiro. Não se trata de uma expressão cultural adotada em complexo regime neocolonial, pois a raiz da sua atitude identitária constitutiva está a sul e não, na Europa. Trata-se sim de ensaiar uma resposta possível, entre outras, à questão elaborada por Stuart Hall, no seu célebre e instigante texto “Whose heritage?”, que, tal como a antropofagia do modernismo brasileiro e a partir de outro lugar – o Reino Unido e as suas especificidades identitárias –, antecipa os estudos de tradução cultural que hoje se tornaram uma forma de interpretar o mundo pós-colonial.

Assim, na leitura de Phillip Rothwell, Mia Couto é um escritor moçambicano, que mostra que a génese dos nacionalismos culturais na África de língua portuguesa tem de negociar com o legado colonial, assumindo-o como seu, como aliás recentemente e de outra forma aponta o último livro de um outro escritor moçambicano, João Paulo Borges Coelho, *Rainhas da Noite*. No caso de Mia Couto, e como bem demonstra o estudo de Phillip Rothwell, esta atitude política no contexto específico da libertação e dos primeiros anos da independência, em que se procurou fazer coincidir o projeto da nação e o projeto político da FRELIMO,

confortavelmente herdeiro da luta de libertação, contém os seus riscos e requer instrumentos literários que expressem e, no limite, denunciem, o paradoxo que a procura desta coincidência produz pelo muito que deixa de fora.

Daí que um outro eixo de leitura lançado por Phillip Rothwell nesta obra seja a identificação e a interpretação dos paradoxos que estruturam a obra de Mia Couto, que são no fundo uma forma de denunciar uma realidade absolutamente complexa e impossível de assimilar e compreender no espartilho das dicotomias. Assim e logo em jeito de apresentação, convém assinalar, como refere Phillip Rothwell, que Mia Couto é um escritor branco que representa Moçambique, não só como figura internacional, mas como aquele que literariamente cartografou o país e o reescreveu na sua complexidade; é também um homem com um nome de mulher, Mia. Todavia, e na perspectiva do ensaísta, o paradoxo fundamental não é este, obviamente, mas antes o de formar uma literatura nacional rica em cultura também portuguesa. De acordo com Rothwell, no trabalho de Mia Couto as referências à oralidade devem mais a Fernando Pessoa do que à oralidade do camponês moçambicano, miticamente idealizado pela crítica. É precisamente esta capacidade de assumir e conjugar o europeu com o africano que lhe permite comunicar, ao longo de sua carreira literária, uma perspectiva sobre a realidade moçambicana para um público leitor internacional, não lhe oferecendo os esperados estereótipos sobre África, a tradição, a modernidade e tantos outros tópicos convencionais, mas questionando-os a partir de Moçambique e elegendo o paradoxo como uma figura possível para o entendimento do violento mundo de que somos herdeiros e em que hoje vivemos.

Por último, um outro tópico essencial da leitura de Phillip Rothwell é a questão do género no sentido mais amplo do termo e de forma absolutamente inovadora. A forma mais inesperada e curiosa reside na interpretação que a leitura de Phillip Rothwell nos oferece sobre as camadas de leituras religiosas, culturais, políticas que nos impedem de ver a ambiguidade da humanidade a partir da sua complexidade íntima, nomeadamente a partir da sua sexualidade. A mais esperada liga-se à leitura de *A Confissão da Leoa*, um livro que denuncia a violência da tradição sobre as mulheres.

A fechar

O livro de Phillip Rothwell, escrito com grande elegância e sofisticação ensaística, e erigido a partir de sólidas, instigantes e inovadoras bases teóricas, parece perguntar-nos constantemente: até onde podemos ir? Até onde pode ir

a literatura? A resposta é necessariamente fragmentária, mas leva-nos ao melhor que podemos esperar de um ensaio – mostrar um pensamento que se procura e a partir do qual nós, como leitores, podemos pensar.

Bibliografia

- Rothwell, Phillip. *A Canon of Empty Fathers: Paternity in Portuguese Narrative*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.
- Rothwell, Phillip. *A Postmodern Nationalist: Truth, Orality and Gender in the Work of Mia Couto*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2004.
- *Sexual/Textual Empires: Gender and Marginality in Lusophone African Literature*. Bristol: HIPLA Series, 2004 (org. com Hilary Owen).
- Chabal, Patrick. *Vozes Moçambicanas – Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
- *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. Londres: Hurst & Company (com Moema Parente Augel, David Brookshaw, Ana Mafalda Leite, Caroline Shaw), 1996.
- Ribeiro, Margarida Calafate e Meneses, Maria Paula (org.). *Moçambique: Das Palavras Escritas*. Porto: Afrontamento, 2008.
- Ribeiro, Margarida Calafate e Padilha, Laura Cavalcante (org.). *Lendo Angola*, Porto: Afrontamento, 2008.
- Ribeiro, Margarida Calafate e Jorge, Sílvio Renato, (org.). *Literaturas Insulares – Leituras e Escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento, 2011.
- Ribeiro, Margarida Calafate e Semedo, Odete Costa, (org.). *Literaturas da Guiné-Bissau – Cantando os Escritos da História*. Porto: Afrontamento, 2011.